

Fake news e seus impactos no contexto educacional

Fake news and its impacts in the educational context

¹Eliane de Matos Oliveira,
elianematos17@outlook.com.

²Jackson Ronie Sá da Silva,
prof.jacksonronie.uema@gmail.com.

Resumo: Este artigo analisa os impactos das *fake news* no contexto educacional, considerando os desafios impostos pela disseminação de informações falsas à formação dos estudantes e ao trabalho pedagógico. O estudo parte da compreensão de que a expansão das tecnologias digitais e das redes sociais ampliou o acesso e a circulação de conteúdos, tornando a desinformação um fenômeno social que também alcança o espaço escolar. Metodologicamente, desenvolveu-se uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa, fundamentada em estudos científicos que discutem *fake news*, educação, pensamento crítico, cidadania e educação midiática. Os resultados evidenciam que a desinformação pode comprometer a construção do conhecimento, favorecer concepções equivocadas e dificultar o desenvolvimento da capacidade de análise e verificação das informações. Nesse cenário, a educação assume papel fundamental na formação de sujeitos críticos, capazes de avaliar fontes, reconhecer conteúdos falsos e utilizar as tecnologias de maneira ética e responsável. Conclui-se que o enfrentamento das *fake news* exige práticas educativas voltadas à criticidade, à alfabetização midiática e à cidadania digital.

Palavras-chave: Desinformação. Pensamento crítico. Educação midiática. Formação integral.

Abstract: This article analyzes the impact of fake news within the educational context, considering the challenges posed by the spread of false information to student development and pedagogical practice. The study is grounded in the understanding that the expansion of digital technologies and social networks has broadened access to and the circulation of content, turning misinformation into a social phenomenon that also permeates the school environment. Methodologically, a qualitative

bibliographic review was conducted, based on scientific studies discussing fake news, education, critical thinking, citizenship, and media literacy. The results indicate that misinformation can compromise knowledge construction, foster misconceptions, and hinder the development of skills for analyzing and verifying information. In this scenario, education plays a fundamental role in shaping critical individuals capable of evaluating sources, recognizing false content, and using technologies ethically and responsibly. The study concludes that addressing fake news requires educational practices focused on critical thinking, media literacy, and digital citizenship.

Keywords: Disinformation. Critical thinking. Media literacy. Holistic education.

1 INTRODUÇÃO

Ao pensarmos na sociedade atual percebemos que vivemos imersos em uma realidade digital onde o número de informações a que temos acesso diariamente é muito grande, tudo isso devido ao aumento do acesso à internet nos últimos anos. Além desse grande volume ocorre ainda a velocidade com que uma notícia pode se espalhar em questão de segundos. Essa nova realidade impõe desafios a muitos setores da sociedade, entre os quais a educação é um deles.

Nazareno e Reisdorfer (2024) destacam que a expansão da internet ampliou significativamente o acesso à informação e criou novas possibilidades de aprendizagem, contribuindo assim para transformar as concepções

tradicionais de educação. Entretanto, essa facilidade de acesso também trouxe desafios, como a disseminação de informações falsas, também chamadas *fake news*, que pode dificultar o desenvolvimento de uma postura crítica. Nesse contexto, os autores apontam preocupações relacionadas aos impactos da desinformação causada pelas *fake news* sobre a educação, especialmente em suas relações com as tecnologias e as desigualdades sociais.

É consenso entre os autores pesquisados nesse estudo que os jovens e crianças são os mais suscetíveis a acreditar e espalhar notícias falsas (Nazareno; Reisdorfer, 2024; Angelo, 2023; Cordeiro; Praxedes; Miotto, 2025; Cardoso, 2021). Considerando que crianças e jovens são a maior parte do público da educação básica, percebemos que consequentemente a educação sofre com os impactos dessa desinformação. Diante disso, ressalta-se a importância dessa pesquisa por abordar uma temática atual e que impacta diretamente a vida dos jovens e os processos educacionais.

A expansão da cultura digital em nossa sociedade também impacta os processos educacionais. Conforme

Lúcia Santaella (2024), a transformação dos ambientes informacionais exige novas competências cognitivas e críticas para a avaliação da informação. A autora destaca que o ambiente digital fragiliza os critérios tradicionais de validação do conhecimento, exigindo, assim, uma formação educacional voltada ao pensamento crítico e à análise informacional afim de tentar diminuir os possíveis danos que essa situação possa causar.

Perante o exposto, esse artigo tem como objetivo analisar os impactos das *fake news* na educação, considerando seus efeitos sobre a construção do conhecimento, a formação do pensamento crítico e os desafios enfrentados por professores diante da disseminação de informações falsas no ambiente escolar. Para isso, recorreremos a pesquisa bibliográfica e documental, com uma abordagem qualitativa para o desenvolvimento dessa pesquisa.

coloca-se entre parêntese. A partir de três linhas, colocar recuado 4 cm à direita, espaçamento simples, sem aspas, tamanho 10, sempre deve vir seguida do número da página de onde foi retirada.

2 MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa realizada caracteriza-se como uma investigação de abordagem qualitativa, fundamentada nos procedimentos da pesquisa bibliográfica e da Análise de Conteúdo (Bardin, 2011). De acordo com Minayo (2012), a análise qualitativa tem como verbo principal o “compreender”, mostrando que é preciso levar em conta a singularidade do indivíduo, porque sua subjetividade é uma manifestação do viver, do pensar, do agir, do pesquisar, do escrever. Além disso, “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (Gil, 2022, p. 44).

A investigação foi realizada por meio de levantamento bibliográfico no Portal de Periódicos da CAPES. Optamos por utilizar apenas artigos publicados em revistas com Qualis no período de 2020 a 2026 e que tematizam o objeto de pesquisa. A escolha por analisar artigos como material de pesquisa se justifica porque são textos atuais, de grande circulação no meio acadêmico e professoral, e por apresentarem a temática com uma sistematização teórica clara e objetiva.

Os dados foram analisados a partir da perspectiva da Análise de Conteúdo de Bardin (2011, p. 148), em

“uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e, em seguida, por agrupamento segundo o gênero (analogia), com critérios previamente definidos: pré-análise; exploração do material e tratamento dos resultados”.

As atividades da pesquisa e levantamento da literatura acadêmica compreenderam as seguintes ações metodológicas:

- I. Levantamento bibliográfico no Portal de Periódicos da Capes usando as seguintes combinações de palavras-chave: (Fake News; Impactos; Educação), e também (Fake News; Impactos; Contexto Educacional). Com a primeira combinação de palavras-chave foram encontrados vinte e nove trabalhos e com a segunda combinação foram encontrados onze. O uso das três palavras-chave utilizadas nos buscadores do Portal de Periódicos da Capes tivera sua escolha por expressarem a ideia central do tema da pesquisa. Foram utilizados o operador booleano: “AND”; marco temporal definido com o período entre o ano de 2020 e 2026 e áreas de

- concentração: “Educação – Ciências Humanas”;
- II. Segunda ação da pesquisa documental: catalogação e organização dos materiais de pesquisa e realização da análise documental. Logo após, todos os conteúdos relacionados à temática da pesquisa foram identificados e sistematizados. Aqui ocorreu o refinamento temático: realizado segundo o interesse da pesquisa por meio da leitura dos temas e em seguida dos resumos, a partir disso foram selecionados dez artigos (10), esses sendo lidos na íntegra;
- III. Terceira ação da pesquisa documental: leitura flutuante e leitura em profundidade de todos os conteúdos selecionados. A análise do conteúdo destes materiais tem como objetivos compreender e problematizar os impactos das *fake news* dentro do contexto educacional utilizando da análise de conteúdo. Segundo Bardin (2011, p. 148), essa análise consiste em “uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e, em seguida, por agrupamento segundo o gênero (analogia), com critérios previamente definidos”;
- IV. Quarta ação da pesquisa documental: análise do conteúdo e construção das categorias de análise. Este processo de categorização foi dividido em duas etapas: o inventário e a classificação. Em que a primeira etapa consistiu na extração de dados e isolamento destes e em seguida os dados obtidos foram classificados em categorias;
- V. Quinta ação da pesquisa documental: discussão e teorização das categorias de análise. As categorias construídas a partir da análise dos conteúdos foram problematizadas tendo como aporte teórico-metodológico a compreensão do papel das *fake news* no processo de alienação dentro dos ambientes educacionais (Nazareno; Reisdorfer, 2024).
- A leitura integral e aprofundada desses materiais pesquisados possibilitou essa estruturação, permitindo a visualização de padrões teóricos e a posterior teorização dos

resultados, buscando compreender de maneira crítica como as *fake news* impactam os ambientes educacionais.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Avanço da internet, *fake news* e desigualdades no contexto educacional

Nesse contexto tecnológico e digital que vivenciamos muitas são as transformações que temos presenciado. As formas de comunicação, validação de uma informação e até a construção de novos conhecimentos tem sofrido intensas modificações e desconstruções. Isso tudo se dá pelo constante aumento do acesso das pessoas a internet nos últimos anos. Para Nazareno e Reisdorfer (2024, p. 3) “a Internet aumentou consideravelmente o acesso à informação, trazendo consigo novas oportunidades de aprendizado, transformando o conceito tradicional de educação”. Essa face da era digital é importante destacar, que são as possibilidades de novas formas de conhecimento, o aumento de informações e de acesso podem ajudar em formas diversas de construção do saber.

No entanto, Nazareno e Reisdorfer (2024, p. 3) também colocam

que “o acesso facilitado trouxe também alguns desafios, tais como a disseminação de informações falsas, dificultando a formação de uma postura crítica”. Essa outra face da internet e da era digital é quase sempre a que mais se destaca. E dentro do contexto educacional as notícias falsas se tornam grande empecilho para a formação crítica dos estudantes.

Frente a toda essa complexidade que envolve as *fake news* e a desinformação se faz necessário analisar esse fenômeno por diferentes perspectivas. Nazareno e Reisdorfer (2024, p. 3) pontuam que “em grupos marginalizados, com menos acesso ao capital cultural e digital, os efeitos da desinformação são mais elevados”. Nesse sentido, a desinformação e as *fake news* não afetam os diferentes grupos sociais de forma igual, uma vez que as condições de acesso a informação, aos recursos tecnológicos e aos conhecimentos necessários para sua utilização de forma consciente e crítica interferem diretamente na capacidade dos sujeitos de reconhecer conteúdos falsos ou distorcidos.

Corroborando com esse entendimento Cardoso (2021, p. 624) revela que “[...] os adolescentes e jovens são os mais vulneráveis às fake

news, uma vez que eles ainda não têm a capacidade cognitiva totalmente desenvolvida para separar o real da mentira”. Essa realidade se torna ainda mais difícil quando são jovens e adolescentes que possuem dificuldades de acesso a uma educação de qualidade e aos meios digitais.

Na visão de Nazareno e Reisdorfer (2024, p. 3) "essa 'epidemia digital' causa preocupações sobre a educação e sua interação com a tecnologia e a desigualdade". A desigualdade sempre se constituiu como um grande desafio a educação e agora na era das tecnologias digitais se apresenta ainda visível. A desigualdade de acesso e formação para o uso crítico das tecnologias fazem com que os sujeitos apresentem condições distintas para identificar e avaliar a veracidade das informações que circulam nos ambientes digitais. Ao mesmo tempo é complexo pensar na desigualdade de acesso aos recursos digitais e a necessidade de incluir essas tecnologias na sala de aula, o que se torna um desafio atual para os educadores.

Nazareno e Reisdorfer (2024) destacam que as famílias que possuem maior capital cultural tendem a oferecer às crianças e aos jovens mais recursos

educativos e digitais, ampliando suas oportunidades de aprendizagem no ambiente digital, enquanto aquelas com menor capital cultural apresentam limitações nesse acesso e nas possibilidades de aprendizagem mediadas pelas tecnologias. Dessa forma, a desigualdade é ainda maior quando se trata de educação aliada as tecnologias digitais. Os autores ainda expõem que “a incapacidade das instituições educativas em garantir um ambiente realmente inclusivo apenas potencializa o fator de alienação” (Nazareno; Reisdorfer, 2024, p. 7).

Nesse sentido, a ausência de práticas educativas que considerem as desigualdades sociais, culturais e digitais pode dificultar o desenvolvimento de competências necessárias para que os estudantes analisem criticamente as informações que recebem diariamente nas mídias digitais. No contexto das *fake news*, essa realidade torna-se ainda mais preocupante e contribui para uma maior alienação dos sujeitos. “A alienação na educação adquire dimensões ainda mais graves com o papel crescente da Internet e da desinformação no ambiente educativo” (Nazareno; Reisdorfer, 2024, p. 8). Tecendo mais considerações sobre esse assunto,

Angelo (2023) mostra que:

É fundamental que a gestão escolar engaje toda a comunidade no combate ao negacionismo e no desenvolvimento do raciocínio crítico nos alunos, para que eles possam identificar as notícias falsas, aprender a buscar fontes confiáveis para verificar a veracidade das informações e refletir sobre a quais interesses essa notícia enganosa atende e, principalmente, não compartilhar qualquer notícia sem que se tenha certeza de sua veracidade (Angelo, 2023, p. 264).

Considerando a citação da autora, é importante perceber que todo esse processo é atravessado pelas desigualdades de acesso as tecnologias digitais, o que faz com que os estudantes tenham diferentes oportunidades de desenvolver habilidades de busca, análise e verificação de informações. Nesse sentido, o acesso desigual a internet e as tecnologias digitais podem ampliar a vulnerabilidade de algumas pessoas à desinformação. Nazareno e Reisdorfer, (2024, p. 12) destacam que “[...] o acesso desigual à tecnologia aprofunda as disparidades educacionais e sociais”.

Perante o exposto, compreendemos que as desigualdades de acesso as tecnologias digitais se

tornam em mais desigualdades dentro do contexto educacional. Assim, se configura como um novo desafio imposto a educação, um exemplo desses desafios são as *fake news* que chegam de formas variadas aos ambientes escolares, o que pode levar a contextos de desconstrução de conceitos e informações já ensinados nas aulas.

Nazareno e Reisdorfer (2024) apontam que a ausência de literacia digital contribui para intensificar as desigualdades sociais e educacionais, especialmente entre os grupos menos favorecidos. Os autores trazem algo importante para esse contexto atual de grande fluxo de informações que é a capacidade do sujeito avaliar as informações que recebe de forma crítica, a “literacia digital”, a falta desta resulta em problemas tanto para os campos social e educacional.

Em contrapartida, os que tem mais facilidade de acesso as plataformas digitais, redes sociais e consequentemente ampliam o volume de informação que recebem, esse aumento também facilita significativamente a disseminação de *fake news* (Nazareno; Reisdorfer, 2024). Essa dicotomia revela que tanto a falta de acesso quanto a facilidade de

acesso as tecnologias digitais trazem consequências para o ambiente educacional, cada uma de forma específica, mas que impactam o modo como o conhecimento é construído e validado.

Garcia e Martins (2026) destacam que, diante da rápida disseminação de informações falsas, da polarização política e da redução da confiança nas instituições científicas, a escola desempenha papel fundamental na formação de sujeitos capazes de compreender, questionar e posicionar-se diante de questões sociais complexas. Portanto, a nova realidade marcada por desigualdades que atravessam o campo educacional, provocadas em sua maioria pela desinformação das notícias falsas, exigem novos modos de se pensar e agir no ambiente escolar. E assim, poder lidar de forma mais consciente com os desafios informacionais e digitais da sociedade contemporânea.

3.2 Os impactos das *fake news* na formação dos estudantes e a atuação da escola

A disseminação de *fake news* constitui um fenômeno social que mobiliza estratégias discursivas apelativas e impacta diretamente o

campo educacional, configurando a educação, por vezes, como um espaço de disputa informacional entre os sujeitos (Paes; Willima, 2025). Nesse contexto, a desinformação interfere no cotidiano social e escolar, exigindo a atuação da escola na formação crítica dos sujeitos (Kawachi; Ecar, 2022). O enfrentamento desse fenômeno envolve o desenvolvimento de letramento informacional e de educação crítica como competências essenciais para a avaliação de conteúdos digitais (Silva *et al.*, 2023).

Angelo (2023) ressalta que, por ser a escola um espaço social privilegiado pela construção do conhecimento, é necessário reconhecer o avanço de ideias anticientíficas e promover, no ambiente escolar, debates que possibilitem sua problematização e análise crítica. Nesse cenário, a escola desempenha papel fundamental na formação de sujeitos capazes de questionar, verificar e confrontar diferentes fontes de informação, se valendo de conhecimentos científicos para análise da realidade que envolve essa temática. Complementando, a autora argumenta que “para além de ensinar exclusivamente o conteúdo curricular, é dever de o professor preparar os alunos para se tornarem

cidadãos criticamente ativos e participantes na sociedade” (Angelo, 2023, p. 264).

Reforçando esse entendimento Nunes; Rocha (2023) e Cordeiro; Praxedes; Miotto (2025) defendem que a escola exerce papel fundamental no combate a desinformação resultado do aumento das *fake news*. É importante compreender que “[...] a falta de conscientização sobre esse fenômeno nas escolas leva as crianças a crescerem sem plena consciência dos impactos das notícias falsas na sociedade (Cordeiro; Praxedes; Miotto, 2025, p. 25). O que conforme os autores pode no futuro resultar em adultos com uma maior probabilidade de acreditar e espalhar informações falsas (Cordeiro; Praxedes; Miotto, 2025).

Dessa forma, Angelo (2023) defende que a escola não deve se manter alheia as questões que atravessam a sociedade, uma vez que sua função ultrapassa a mera transmissão de conteúdos curriculares e envolve a formação dos estudantes para a convivência social e o exercício da cidadania. Nesse sentido, a autora ressalta a importância de abordar temas potencialmente polêmicos no espaço escolar, mesmo diante de possíveis

resistências ou represálias de alguns familiares, grupos conservadores ou setores políticos.

Ao realizar determinadas problematizações, podemos compreender que as *fake news* se configuram como um tema sensível e até polêmico, e no campo educacional se apresentam como uma ferramenta de desinformação de grande poder. Para Silva *et al.* (2023, p. 135), “a discussão sobre as fake news na sociedade e o quanto elas impactam o ambiente escolar urge como um dos principais problemas da era tecnológica e da informação”. Os autores destacam a educação como uma forma estratégica de enfrentamento dessas notícias falsas, utilizando a criticidade por meio de técnicas pedagógicas que fortalecem a capacidade dos estudantes de avaliar as informações que chegam até eles. Nesse contexto, a escola atua como espaço de formação de habilidades investigativas e de fortalecimento da autonomia intelectual dos sujeitos.

Diante disso, a educação contemporânea deve desenvolver competências informacionais e midiáticas, para que os sujeitos consigam avaliar a confiabilidade das informações no ambiente digital

(Santaella, 2024). Conforme explicitado por Santaella, a educação precisa acompanhar as mudanças que ocorrem na sociedade e que impactam de forma profunda os processos de ensino e aprendizagem. Fica evidente que as *fake news* têm grande impacto na vida das pessoas, influenciando a maneira como se relacionam e o cuidado com a saúde individual e coletiva, podendo constituir um risco à saúde pública. Além disso, trata-se de uma questão social que necessita ser discutida e compreendida em instituições como a escola e a universidade.

Além das consequências e impactos já mencionados dessas mentiras, Cordeiro; Praxedes e Miotto (2025, p. 36) mostrem que “as *fake news* podem reforçar estereótipos, preconceitos e narrativas distorcidas que prejudicam a construção de uma consciência histórica crítica e plural. Adolescentes e jovens têm maior probabilidade de compartilhar notícias falsas”. A maior incidência sobre os jovens de contribuir com a disseminação de *fake news* é confirmada por autores já elencados aqui nesse artigo.

Nesse cenário, Cardoso (2021) argumenta que a disseminação de informações falsas provoca prejuízos

para a sociedade de modo geral, mas seus efeitos se tornam ainda mais preocupantes quando atingem o campo educacional, devido as consequências que podem gerar na construção do conhecimento e na formação dos sujeitos. Portanto, a presença das *fake news* no ambiente escolar pode comprometer a apropriação de conhecimentos fundamentais aos educandos, dificultar a distinção entre informações confiáveis e conteúdos falsos, favorecendo assim a reprodução de concepções equivocadas. Sobre a presença das *fake news* nos espaços escolares Cordeiro; Praxedes e Miotto reforçam:

A disseminação de *fake news* e a ausência de uma consciência crítica sobre informações duvidosas têm implicações significativas na educação e na formação dos alunos. Quando os estudantes são expostos a notícias falsas sem o devido discernimento, podem adquirir conhecimentos incorretos e até mesmo crenças distorcidas sobre o mundo ao seu redor. Isso pode prejudicar sua capacidade de raciocínio lógico, sua tomada de decisões informadas e sua compreensão da realidade (Cordeiro; Praxedes; Miotto,

2025, p. 25).

Com base no fragmento acima, podemos perceber que os impactos das *fake news* no contexto educacional não se restringem a circulação de conteúdos falsos, mas alcançam dimensões cognitivas, formativas e sociais do processo educativo. Nesse sentido, a escola precisa assumir uma postura crítica diante desse fenômeno, criando condições para que os alunos desenvolvam competências de leitura, análise e verificação das informações que acessam diariamente, em especial nos meios digitais.

Dessa forma é necessário a compreensão de que “as *fake news* representam um problema significativo para os adultos, porém, seu impacto é ainda mais perigoso quando se trata de crianças e jovens (Cordeiro; Praxedes; Miotto, 2025, p. 26). Isso ocorre devido ao fato de que crianças e jovens ainda se encontram em processo de desenvolvimento das capacidades cognitivas, sociais e críticas necessárias para avaliar a veracidade das informações as quais são expostas. Para os autores crianças e jovens “além de serem vítimas dessas informações falsas, eles também podem se tornar propagadores involuntários das *fake news*” (Cordeiro; Praxedes; Miotto,

2025, p. 26). Isso mostra o porque as *fake news* estão tão presentes nos ambientes educacionais.

Corroborando com esse entendimento de Cordeiro; Praxedes; Miotto (2025) sobre o impacto das *fake news* ser mais pernicioso com crianças e jovens, Nazareno e Reisdorfer afirmam que “a maioria dos estudantes dificilmente possui competências de avaliação para determinar a credibilidade das informações que encontram online” (Nazareno; Reisdorfer, 2024, p. 9). Portanto, isso explica o motivo de jovens serem as vítimas mais propensos a acreditar e compartilhar notícias falsas. Nazareno e Reisdorfer (2024) refletem como isso pode afetar os ambientes educacionais, trazendo prejuízos na sua credibilidade e prejudicando a aprendizagem, o que termina por moldar a forma como o pensamento crítico poderia ser construído.

De acordo com Angelo (2023), a escola, por ser um espaço de socialização e democratização do conhecimento, desempenha um papel fundamental no enfrentamento da desinformação. Assim sendo, a escola se constitui como um espaço essencial para a formação de sujeitos críticos, conscientes e capazes de lidar

responsavelmente com a circulação de informações. O trabalho pedagógico, portanto, contribui para que os alunos reconheçam conteúdos falsos e desenvolvam maior autonomia diante das informações que tem acesso diariamente.

Na esfera educacional, o enfrentamento da desinformação depende de práticas pedagógicas mediadas por tecnologias (Silva *et al.*, 2023). Esse entendimento parte do pressuposto de que, como a maioria das *fake news* é espalhada por meio das redes sociais, as formas de combate também precisam utilizar esses meios informacionais de maneira consciente e articulada. Kawachi e Ecar (2022) reforçam esse pensamento, destacando que a escola exerce um papel fundamental na formação de competências para lidar com a desinformação causada por essas notícias falsas.

Em um país atravessado por diferentes elementos de poder como o nosso, a educação não pode se limitar apenas a ensinar a “ler e escrever”; é preciso ir além, conectando o ato de ensinar aos acontecimentos atuais que a sociedade tem vivenciado e, de forma coesa, preparando os cidadãos para a vida em seu âmbito social. Silva e

autores (2023) mostram que:

A educação, por seu turno, pode ser uma importante ferramenta de combate às Fake News na medida em que contribui na construção de atitudes críticas em meio a disseminação de informações e notícias falsas que, por vezes, colocam a vida das pessoas em risco, sobretudo em um cenário pandêmico, como o da Covid-19 em 2020, uma vez que desprestigia o conhecimento científico (Silva *et al.*, 2023, p. 127).

Em face disso, observa-se que a escola pode desenvolver competências nos alunos para lidar melhor com notícias falsas, especialmente em contextos científicos. Segundo Santaella (2024), a cultura digital exige formação crítica para avaliar a confiabilidade das informações. Reforçando esse entendimento, Kawachi e Ecar (2022) apontam que a falta de conhecimento prévio favorece a disseminação de notícias falsas, evidenciando a necessidade de que as escolas abordem essa temática. Os autores convergem na ideia de que é preciso conhecimento e posicionamento crítico para lidar com essas notícias enganosas e com a desinformação que elas produzem nos ambientes sociais.

Em suma, as análises e

problematizações feitas convergem para o entendimento de que a escola possui papel de destaque no enfrentamento da desinformação que atravessa seus ambientes, as *fake news* podem trazer impactos bastante negativos para o contexto educacional, o que exige da escola novas formas de produzir e validar conhecimentos.

3.3 O papel da educação na formação do pensamento crítico m tempos de *fake news*

A educação constitui um espaço privilegiado para a desenvolvimento de conhecimentos, atitudes e habilidades que possibilitem aos estudantes questionar, verificar e interpretar diferentes fontes de informação. A construção do pensamento crítico contribui para que os educandos não sejam apenas receptores passivos de conteúdos, mas sujeitos com possibilidades de refletir sobre a validade e a intencionalidade das informações que acessam.

É importante considerar que mesmo a educação sendo campo de possibilidades para uma formação crítica dos alunos, ainda encontra desafios para conseguir atingir esse objetivo. “Desta forma, o que se verifica é que aquele jovem, quando de posse

de uma notícia nova, o senso crítico é a última coisa que lhe passa pela cabeça” (Cardoso, 2021, p. 620). Os autores evidenciam uma situação que preocupa e faz pensar os modos como a educação deve existir em tempos onde a informação falsa disputa lugar na sociedade com a verdade.

Esse cenário é desafiador e a viralidade das *fake news* é um dos fatores mais preocupantes nesse contexto (Nazareno; Reisdorfer, 2024). Acrescentando ao tema Nazareno e Reisdorfer (2024, p. 4) mostram que “dados os rápidos avanços tecnológicos e o imediatismo característicos da Geração Z, os ambientes digitais desempenham um papel cada vez mais significativo no cotidiano e na educação”. Em consequência disso, a educação necessita de buscar acompanhar esse imediatismo e a ampliação que ocorre do acesso as informações proporcionadas pelo ambiente digital. Nesse contexto, a escola precisa promover práticas de educação digital que possibilitem aos estudantes verificar evidências e perceber intenções veladas que podem existir em informações que circulam nas redes.

Conforme Nazareno e Reisdorfer (2024, p. 10) “no desenvolvimento da

cidadania crítica, práticas pedagógicas precisam incentivar o pensamento crítico e analítico”. Isso reforça o que foi colocado anteriormente, sobre a necessidade de a educação promover o desenvolvimento da criticidade nos estudantes. Assim, a construção do pensamento crítico constitui uma dimensão essencial na formação cidadã, visto que contribui para que os sujeitos atuem de maneira mais autônoma diante das informações. Ratificando esse entendimento Cordeiro, Praxedes e Miotto mostram que:

É fundamental também que os educadores promovam discussões críticas em sala de aula, incentivando os alunos a compartilharem suas dúvidas, opiniões e questionamentos em relação às informações que encontram. Esses debates oferecem uma oportunidade valiosa para os estudantes aprenderem a argumentar com fundamentos, apresentar evidências e respeitar as opiniões divergentes (Cordeiro; Praxedes; Miotto, 2025, p. 29).

A citação acima contribui para compreender que o enfrentamento as *fake news* envolve dimensões que ultrapassam a distinção de verdadeiro

ou falso. É preciso compreender que combater a desinformação causada por essas mentiras exige o desenvolvimento de atitudes dentro do ambiente educacional que estimulem a investigação, a análise de fontes e a construção de argumentos bem fundamentados.

Dessa forma, “[...] a introdução de políticas educacionais que promovam a inclusão digital e a alfabetização midiática é essencial para mitigar os efeitos da desinformação e melhorar o desenvolvimento da cidadania crítica” (Nazareno; Reisdorfer, 2024, p. 12). Justificando essa ideia, Cordeiro, Praxedes e Miotto (2025) colocam que é fundamental que o público estudantil compreenda os impactos gerados pelas notícias falsas em suas rotinas, sendo o ambiente educacional a principal via para essa consciência. Portanto, a educação é caminho possível para compreender e combater essas *fake news*, sempre considerando o pensamento crítico e autônomo como ferramentas fundamentais para isso.

Cordeiro, Praxedes e Miotto (2025, p. 38) ainda reforçam que “ao incorporar a temática das *fake news* no currículo escolar, os alunos podem aprender sobre a disseminação de

informações falsas, os perigos envolvidos e as estratégias para identificar e evitar a propagação dessas informações”. A inclusão desses temas no currículo das escolas é necessária e urgente no sentido de dar condições aos estudantes de entender a nova realidade em que vivem permeada por desinformação. Nazareno e Reisdorfer (2024) ressaltam que a desinformação produz consequências significativas, contribuindo para a manutenção da exclusão social e dificultando o desenvolvimento de uma cidadania crítica. O que também reflete em mais exclusão dentro do ambiente escolar.

Trazendo mais informações sobre a desinformação, Nazareno e Reisdorfer (2024) apontam que a desinformação exerce papel relevante nos processos de alienação, manifestando-se nas dimensões social e educacional e ainda contribuindo para o aprofundamento dessas formas de alienação. No contexto escolar, essa alienação pode interferir na maneira como os estudantes interpretam informações, constroem conhecimentos e posicionam-se diante de diferentes questões sociais e científicas. Nesse cenário, a educação assume papel fundamental na formação de sujeitos críticos que tenham condições de

questionar e verificar de forma consciente as informações que recebem. Nesse sentido, Cordeiro, Praxedes e Miotto reforçam:

É fundamental ensinar às crianças a importância de verificar informações, adotar uma postura crítica e ser responsável ao compartilhar conteúdo. Isso envolve capacitar as crianças a identificar fontes confiáveis, analisar o contexto em que as informações são apresentadas e avaliar a veracidade das notícias antes de compartilhá-las (Cordeiro; Praxedes; Miotto, 2025, p. 29).

Nessa perspectiva, a escola pode promover práticas pedagógicas que visem a construção de um posicionamento mais crítico dos alunos diante das informações que chegam até eles diariamente. Com isso, estimulando a identificação de fontes confiáveis, a análise do contexto das informações e a responsabilidade no compartilhamento de conteúdos. Assim, a educação torna-se um espaço fundamental para a formação de sujeitos mais conscientes, críticos e responsáveis diante das informações.

A partir dessas reflexões podemos compreender como a educação pode contribuir e se tornar

uma das principais ferramentas de prevenção e combate às *fake news*. Dessa forma, percebe-se que o papel da escola no enfrentamento da desinformação é essencial, sendo necessário o envolvimento de toda a comunidade escolar nessas ações. Além disso, as *fake news* envolvendo a educação constituem práticas discursivas que mobilizam estratégias de legitimação social e política (Paes; Willima, 2025). Dependendo do cenário, essas mentiras podem se tornar ataques cruéis às instituições de ensino, Paes e Willima, trazem o entendimento de que:

Nesse contexto político e econômico, as *fake news* emergem como um armamento sociodiscursivo poderoso para a captação de sujeitos, bem como para a ancoragem argumentativa de propostas sobre (e contra) a educação e seus agentes, além de “apontar” ou “negar” propostas para o futuro de diversos setores da sociedade (Paes; Willima, 2025, p. 37).

É interessante observar o modo como as *fake news* se apresentam enquanto uma forma organizada de enganar os sujeitos na sociedade. A desinformação que elas geram no

campo educacional organiza-se por meio de temas recorrentes e agentes específicos, como assuntos sensíveis ou fatos científicos, utilizando manobras discursivas relacionadas à educação. Esses fenômenos não devem ser vistos apenas como questões da escola ou da universidade, mas como temas de interesse de todos que se preocupam em refletir sobre a educação e a sociedade brasileira (Paes; Willima, 2025).

Como é perceptível, a educação crítica constitui uma estratégia fundamental contra as *fake news*, pois promove o desenvolvimento do pensamento crítico dos sujeitos, sua autonomia e os estimula a questionar informações, analisar fontes e compreender os interesses envolvidos na produção e disseminação dessas informações (Silva *et al.*, 2023). Essas ações permitem que as *fake news* sejam utilizadas pedagogicamente para desenvolver o pensamento crítico dos cidadãos.

Consolidando esse entendimento, Cordeiro, Praxedes e Miotto (2025) salientam que a educação contribui para a formação de estudantes capazes de lidar de maneira crítica e responsável com as informações, desenvolvendo conhecimentos,

habilidades e atitudes que favorecem o exercício da cidadania e a construção de uma sociedade mais justa, democrática e menos vulnerável à desinformação. A educação, nesse contexto, assume papel fundamental no enfrentamento de desmonte dessas *fake news*, uma vez que a formação para a criticidade possibilita aos estudantes meios possíveis de questionar e analisar as informações com segurança.

É necessário ressaltar que “embora o impacto das *fake news* na educação seja um tema de extrema importância e urgência, ainda há uma lacuna em termos de pesquisas abordando esse assunto de forma abrangente” (Cordeiro; Praxedes; Miotto, 2025, p. 38). Desse modo, fica evidente que apesar da crescente presença das *fake news* no cotidiano escolar, o tema ainda demanda maior atenção no campo das pesquisas educacionais. Essa lacuna que existe, demonstra a necessidade de ampliar as investigações de como a desinformação interfere na aprendizagem, nas relações escolares e na formação crítica dos educandos.

É importante discutir essa temática, visto que “a compreensão dos efeitos das *fake news* no contexto

educacional é fundamental para o desenvolvimento de estratégias eficazes de prevenção e combate a esse fenômeno” (Cordeiro; Praxedes; Miotto, 2025, p. 38). Nesse sentido, conhecer como a desinformação circula e influencia os estudantes permite identificar suas possíveis consequências sobre a aprendizagem e a formação do pensamento crítico. Assim, investigar os impactos das *fake news* torna-se fundamental para fortalecer ações de prevenção e enfrentamento da desinformação no contexto escolar.

A disseminação de *fake news* configura-se como um fenômeno complexo e multifacetado, que ultrapassa o âmbito educacional e envolve dimensões sociais, políticas, tecnológicas e culturais (Cordeiro; Praxedes; Miotto, 2025). No contexto educacional, essa realidade exige que professores e estudantes compreendam como fatores sociais, culturais, políticos e tecnológicos influenciam a circulação de informações. Desta forma, enfrenar a desinformação causada pelas *fake news* requer uma ação educativa integrada, capaz de promover conhecimentos, responsabilidade e participação social de forma autônoma. Portanto, esses estudos demonstram

que as pesquisas nessa área convergem na compreensão da educação como espaço estratégico para o enfrentamento da desinformação.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida neste artigo possibilitou compreender que as fake news constituem um fenômeno de expressivo impacto no contexto educacional, interferindo nos processos de ensino e aprendizagem, na construção do conhecimento e na formação dos estudantes. A circulação acelerada de informações falsas ou distorcidas nos ambientes digitais amplia os desafios enfrentados pela escola, especialmente em uma realidade marcada pela produção, disseminação e compartilhamento contínuo de conteúdos. Nesse contexto, a desinformação pode favorecer interpretações equivocadas da realidade e a construção de conhecimentos sem respaldo científico. Entre os principais impactos identificados, destaca-se o comprometimento da aprendizagem. A incorporação de informações falsas ao repertório dos estudantes pode dificultar a compreensão dos conhecimentos científicos e gerar conflitos entre os

conteúdos sistematizados pela escola e as concepções construídas nos ambientes digitais. Essa realidade torna o trabalho pedagógico mais complexo, uma vez que o professor precisa, além de desenvolver os conteúdos curriculares, problematizar e desconstruir informações incorretas previamente naturalizadas.

Outro aspecto relevante refere-se ao enfraquecimento do pensamento crítico. A exposição contínua a conteúdos sem critérios de verificação pode favorecer a aceitação e a reprodução de informações pela repetição, pela aparência de credibilidade ou pela influência exercida nas redes sociais. Nesse sentido, as fake news não afetam apenas os conhecimentos dos estudantes, mas também sua capacidade de analisar, avaliar e utilizar informações de maneira consciente e fundamentada.

Esse fenômeno também repercute sobre a prática docente e sobre a relação dos estudantes com a ciência. A presença de discursos negacionistas, pseudocientíficos e informações distorcidas sobre saúde, meio ambiente e outros temas pode contribuir para o descrédito do conhecimento científico e ampliar as demandas de mediação pedagógica. Assim, evidencia-se a

necessidade de fortalecer a formação docente e desenvolver estratégias educativas voltadas à análise das fontes, à verificação das informações e à confrontação de diferentes perspectivas.

Diante disso, o enfrentamento das fake news não deve limitar-se a ações pontuais de checagem, mas integrar uma educação comprometida com o pensamento crítico e com a alfabetização midiática e informacional. A escola precisa constituir-se como espaço de problematização da realidade, estimulando os estudantes a questionar, investigar, confrontar informações e construir posicionamentos fundamentados.

Conclui-se, portanto, que as fake news representam um desafio significativo para a educação contemporânea, pois interferem na aprendizagem, fragilizam a construção do conhecimento, dificultam o desenvolvimento do pensamento crítico e ampliam as responsabilidades do trabalho docente. Seu enfrentamento requer uma atuação educativa contínua e articulada, capaz de formar sujeitos éticos, críticos e responsáveis diante da informação e preparados para participar conscientemente de uma sociedade

cada vez mais marcada pelos ambientes digitais.

REFERÊNCIAS

ANGELO, C. M. Negacionismo científico e propagação de notícias falsas ligadas a ciências: precisamos falar sobre isso na escola. **Revista Docência e Cibercultura**, [S. l.], v. 7, n. 2, p. 255–268, 2023. DOI: 10.12957/redoc.2023.65040. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/redoc/article/view/65040>. Acesso em: 22 ago. 2026.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 229 p., 2011.

CARDOSO, D. V. Impacto das “fake news” na educação dos jovens do Brasil. **Revista Ibero-Americana de Humanidades**, Ciências e Educação. São Paulo, v.7, n.6. jun. 2021. ISSN - 2675 –3375. Doi.org/10.51891/rease.v7i6.1417. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/1417/611>. Acesso em: 22 ago. 2026.

CORDEIRO, D. S.; PRAXEDES, S. C. S.; MIOTTO, M. V. J. “Educação infantil: Conscientização e impactos das notícias falsas”, **Sortuz: Oñati Journal of Emergent Socio-Legal Studies**, 15(1), pp. 22–41, 2025. doi: 10.35295/sz.iisl/2251. Disponível em: <https://opo.iisj.net/index.php/sortuz/article/view/2251/2491>. Acesso em: 23 ago. 2026.

GARCIA, M.; MARTINS, I. A Educação em Ciências na contemporaneidade: a problematização do negacionismo científico como uma questão sociocientífica. **Impacto**, n. 5,

janeiro/dezembro, 2026, e95362, p. 1-18• DOI: 10.12957/impacto.2026.95362. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/impacto/article/view/95362/57957>. Acesso em: 03 ago. 2026.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 4. ed., 2002.

KAWACHI, E. C. de M.; ECAR, A. Saúde, fake news e a docência na formação profissional e tecnológico. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 17, n. 2, p. 1327–1340, 2022. DOI: 10.21723/riaee.v17i2.15312. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/15312>. Acesso em: 02 jun. 2026.

MINAYO, M. C. S. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, 17(3):621-626, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/39YW8sMQhNzG5NmpGBtNMff/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 01 jul. 2026.

NAZARENO, G. G.; REISDÖRFER, G. A Sociologia da Educação de Pierre Bourdieu, a Internet e o papel das fake news no processo de alienação. **COGNITIONIS Scientific Journal**, [S. l.], v. 7, n. 2, p. e553, 2024. DOI: 10.38087/2595.8801.553. Disponível em: <https://revista.cognitioniss.org/index.php/cogn/article/view/553>. Acesso em: 22 ago. 2026.

NUNES, T. M.; ROCHA, D. M. Fake News e o Ensino de Ciências: explorando Indicadores de Alfabetização Científica. **Revista de Ensino de Ciências e Matemática**, São Paulo, v. 14, n. 3, p. 1–23, 2023.

DOI: 10.26843/rencima. V. 14, n. 3 a 11. Disponível em: <https://revistapos.cruzeirodosul.edu.br/rencima/article/view/4683>. Acesso em: 22 ago. 2026.

PAES, W. E.; WILLIMA, K. G. Fake news voltadas à educação brasileira (2018-2024): discursos e estratégias. **Revista de Educação Popular**, Uberlândia, v. 24, n. 2, p. 20–40, 2025. DOI: 10.14393/REP-2025-75815. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/75815>. Acesso em: 26 jul. 2026.

SANTAELLA, L. Travessias da digitalização: da internet à inteligência artificial. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**, [S. l.], v. 45, n. 1, p. 25–38, 2024. DOI: 10.5433/1679-0383.2024v45n1p25. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/seminasoc/article/view/51172>. Acesso em: 26 jun. 2026.

SILVA, O. O. N. *et al.* Dificuldades e possibilidades da educação crítica em tempos de fake news: uma revisão sistemática. **Revista Docência e Cibercultura**, [S. l.], v. 7, n. 2, p. 124–140, 2023. DOI: 10.12957/redoc.2023.67218. Disponível em: <https://www.epublicacoes.uerj.br/redoc/article/view/67218>. Acesso em: 26 jun. 2026.